

A PERCEPÇÃO CORPORAL PARA DEFICIENTES VISUAIS ATRAVÉS DA DANÇA

Mayara Rodrigues Cardoso – mayara.cardoso1510@gmail.com

Faculdades Integradas de Jahu (FIJ), Jaú, São Paulo, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-2381-8214>

Juliana Inhesta Limão – juliana.limao@yahoo.com.br

Faculdades Integradas de Jahu (FIJ), Jaú, São Paulo, Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-7173-2020>

RESUMO: Para os deficientes visuais a dança facilita a interação com o mundo. Neste sentido, o estudo da fenomenologia em Merleau-Ponty permite que façamos a ligação com a deficiência e a dança ao retratar que o ser humano utiliza as sensações para interagir e experimentar o mundo. O estudo objetivou compreender como os deficientes visuais percebem os sentidos (audição e tato), durante a prática da dança à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty, por meio de uma revisão de literatura. A dança é uma das artes mais antiga usada como forma de expressão corporal. Para os deficientes visuais ela oferece um caminho que possibilita conexão com o mundo e as pessoas por meio das sensações oferecidas ao movimentar-se. A deficiência visual é caracterizada pela ausência da visão, cujo pode ser congênita ou adquirida, mas que independente do tipo, o fato de não poder ver não é empecilho para a aprendizagem, vivência, experiências e descobertas do ser e o mundo. Para Merleau-Ponty (1999) tudo se resolve quando se define as essências, na dança a essência sempre está presente porque é permitido expressar o que realmente somos pela expressão não verbal. Com isso, a fenomenologia em Merleau-Ponty fez interface com a deficiência visual e a dança ao retratar que o ser humano necessita e utiliza as sensações para interagir, experimentar e se descobrir no mundo. A dança pode ser inserida na vida do deficiente visual como forma de melhorar a sua autonomia, autoestima e qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Deficiência Visual; Fenomenologia; Merleau-Ponty.

1 INTRODUÇÃO

A visão é a principal ferramenta para conhecer o mundo e as pessoas ao redor, é através dela que temos as informações necessárias para o conhecimento. Portanto, como viver em um mundo sem poder ver? Como se conhecer sem nunca ter se visto? Como entender o seu corpo e as possibilidades de movimento sem poder visualiza-los?

Segundo Cazé e Oliveira (2008) a deficiência visual é definida por dois tipos, congênita e a adquirida. Independente do tipo de cegueira, o indivíduo passa a ser dependente de outras percepções, como a audição e o tato que estarão inseridos em qualquer processo de aprendizagem, tornando-se as ferramentas mais importantes do deficiente visual.

O corpo é movimento e quando não é possível ver os movimentos, a dança possibilita senti-los, proporcionando o desenvolvimento da criatividade e o da linguagem não verbal. É dessa forma que o indivíduo sem a visão, ao dançar, encontra um caminho de conectar-se ao mundo e

as pessoas mesmo sem visualiza-las, por meio dos movimentos e experiências oferecidas pela dança.

O contato entre as pessoas permite que o mesmo se conheça, conheça o mundo ao redor, permitindo melhora da autoestima e da compreensão do seu papel na sociedade. Compreender a consciência corporal faz parte do processo de conhecimento próprio, seja ele deficiente ou não.

A dança é arte, permite a expressão do que sentimentos e somos através do nosso corpo. Após as experiências vivenciadas em seu Pós-Doutorado, Freire (2004) destaca que:

O que a arte nos oferece é a liberdade de expressão, nossas palavras e nossos atos criam o nosso existir no mundo, de modo que, podemos compreender os nossos processos de vida, vivendo como seres distintos e singulares entre iguais. (FREIRE, 2004, p. 75).

Para Merleau-Ponty (1945/1994) citado por Nóbrega (2008, p. 142) “das coisas ao pensamento das coisas, reduz-se a experiência”. Esse pensamento nos leva a reflexão de como as percepções do corpo executam os movimentos, a percepção corporal nada mais é que uma ação do corpo estimulada pelas sensações que resultam no movimento presente. Machado (2011) apresenta que para Merleau-Ponty é importante e significativo o modo como o movimento do ser humano é realizado, expressando seus diversos sentidos de existência. Encontrar o sentido da existência humana faz parte do ato de se conhecer, de se explorar.

Com essas ideias de aprendizagem e questões sobre o mundo sem poder ver, o principal objetivo da pesquisa foi de compreender como os deficientes visuais percebem os sentidos, audição e tato, durante a prática de dança à luz da fenomenologia.

Esta pesquisa foi pautada na revisão de literatura por meio de livros e artigos relacionados a dança para deficientes visuais, a partir da abordagem fenomenológica com base em Merleau-Ponty. Para isso foi realizada a leitura e reflexão de artigos científicos e livros sobre o assunto, por meio de uma análise qualitativa dos dados obtidos durante a pesquisa.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência visual possui ampla variedade de definições e terminologias, com isso sua compreensão e entendimento se torna um caminho não tão simples. Para Munster e Almeida (2013, p. 30) “A deficiência visual é caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade visual, em ambos os olhos, o que leva o indivíduo a uma limitação em seu desempenho habitual.”. Entre a perda total e a parcial existem as patologias denominadas como: miopia, astigmatismo,

hipermetropia, ambliopia que de acordo com a autora Gil (2000) se não tratadas na infância, podem prejudicar no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A deficiência visual é determinada de acordo com as funções da visão sendo denominadas como: acuidade visual e o campo visual que são usadas como medidas padrão e quantitativas que ajudam na classificação do grau de deficiência. (FREIRE, 2004). Mas o que seria acuidade visual e campo visual? Munster e Almeida (2013) definem acuidade visual como a capacidade de visualizar detalhes, enxergar o objeto em determinada distância, e o campo visual é determinado a partir do olhar fixo, ou seja, a área ao redor capaz de ser visualizada ao mesmo tempo.

A visão-subnormal, baixa visão, visão residual ou ambliopia adere todas essas denominações porque depende da intensidade e alterações ocasionadas nas funções vitais. É aquela visão que resulta na baixa capacidade de ver, alterações significativas que podem alterar a visão. Para essas pessoas, óculos, lupas, lentes são utilizadas para enxergar melhor, por meio destes materiais elas são capazes de enxergar objetos, claridade, vultos, mas as imagens são embaçadas e campo visual não tão amplo. (GIL, 2000).

A terminologia para referir á pessoa com deficiência visual é uma questão bastante discutida. Segundo Munster e Almeida (2013 p. 32) termos como: “deficiência visual, cego, portador de deficiência visual, pessoa com baixa visão e portador de visão subnormal são alguns dos termos frequentemente encontrado na literatura”. Os autores afirmam que a Portaria n. 2.344, de três de novembro de 2010 determinou a nomenclatura para os deficientes visuais como “pessoa com deficiência” para referir com respeito e consciência que a pessoa com deficiência apresenta habilidades humanas e aptas a serem desenvolvidas.

Existem dois tipos de ausência da visão: adquirida e congênita. Na adquirida o indivíduo em algum momento da vida perde a visão, por alguma doença, acidente entre outras causas. Porém esse indivíduo tem a vantagem de ter imagens formadas na consciência, o qual o ajudará na adaptação sem visão, a sua imaginação será uma forte aliada nessa nova vivência. A congênita é aquela que o indivíduo já nasce sem ver, portanto não possui noção alguma das cores, imagens, ações corporais.

A cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente. Pode ocorrer desde o nascimento (cegueira congênita), ou posteriormente (cegueira adventícia, usualmente conhecida como adquirida) em decorrência de causas orgânicas ou acidentais (SA; CAMPOS; SILVA, 2007, p. 15).

2.2 BENEFÍCIOS DA DANÇA PARA DEFICIENTES VISUAIS À LUZ DA FENOMENOLOGIA

A intencionalidade da escolha por dança é muito ampla, diversa e particular. Segundo Souza e Metzger (2013), praticar dança eleva os sentimentos e ajuda a desenvolver capacidades como expressão corporal, além de proporcionar prazeres em qualquer faixa etária. Os mesmos autores argumentam que por meio da prática da dança, é possível reavivar sentimentos e romper o senso comum, além de proporcionar prazeres, seja em par ou sozinho, homem ou mulher. (SOUZA; METZGER, 2013). O deficiente visual experimenta o ato de dançar com poucas ideias ou nenhuma sobre o mundo, mas para Carvalho e Fernandes (2007, p. 4): “O corpo cego vê. O corpo cego é visto. Ver é uma experiência que vai além do sentido da visão. É perceber/sentir/conhecer/tocar/relacionar/experimentar.”.

Ao dançar todas essas percepções são solicitadas e o deficiente visual encontra uma forma de melhoria em suas atividades cotidianas e a autoconfiança pode ser também aprimorada pelo constante relacionamento e contato com as pessoas. Os autores Carvalho e Fernandes (2007, p. 4, apud Sacks 1995) afirmam: “Agora que toquei posso vê-lo”. Ou seja, as sensações são as principais vias para o conhecimento do deficiente visual, portanto, nesta linha de pensamento, na ausência da visão as sensações se tornam as janelas de tudo.

Para Cazé e Oliveira (2008, p. 295): “Praticar dança permite ao indivíduo cego construir suas próprias ideias de tempo /espaço, de manutenção do equilíbrio por reorganização postural, a partir da utilização dos outros sentidos, do aparato vestibular e da propriocepção.” A limitação do deficiente visual está ligada a falta do recurso da visão, as outras percepções estão ligeiramente ativas e disponíveis para aprendizagem que ocorrerá de forma mais lenta, porém a aprendizagem é possível sim. (CAZÉ; OLIVEIRA, 2008).

Cada movimento realizado é abertura para novas experiências, um movimento é sempre distinto do outro, a cada expressão os fatores sensorial, motor, cognitivo, imagens mentais e estímulos externos se relacionam de maneira diferente, contudo é elaborado sempre um movimento inédito, porque somos flexíveis e feitos para movimentar (NEVES, 2008). E para o corpo realizar os movimentos, a propriocepção será ocasionada pelas percepções do tato e da audição e a dança vem trazer todo esse trabalho de criatividade, noção de espaço, equilíbrio, melhora na manutenção do corpo, autonomia, contato e exploração do ambiente. Os deficientes visuais usam os demais sentidos com maior intensidade, isso faz com que a vivência e o contato com o mundo seja diferente das pessoas videntes.

Fernanda Bianchini é uma bailarina e fisioterapeuta responsável pela criação do trabalho de dança para deficientes visuais. Almeida (2012) relata que em Janeiro de 2004 foi criada a Associação

de Ballet e Artes Fernanda Bianchini, onde ela visava oportunizar o ballet clássico para todas as crianças cegas do Brasil. Ela também criou a companhia profissional de ballet de cegos, constituída por 15 bailarinos que abrange a maioria com deficiência visual, a companhia é conhecida mundialmente pelos seus trabalhos. O mesmo autor destaca também a compreensão de Fernanda Bianchini sobre o ensino de ballet para deficientes visuais em sua tese de mestrado dentro na área de distúrbios do desenvolvimento: “A audição tem uma função teleceptora e o tato, por sua vez, permite ao cego o conhecimento sensorial dos objetos animados e inanimados que constituem o ambiente” (ALMEIDA 2012, p. 62, apud BIANCHINI 2005, p. 32) conscientizando mais ainda a importância do tato e da audição durante prática de dança.

A Associação de Ballet e Artes Bianchini contempla o trabalho corporal, emocional e de inclusão social. Segundo Bianchini, as pessoas que frequentam a Associação estão mais a procura do benefício que a prática da dança traz, como expressividade, locomoção, postura, equilíbrio entre outros e do que se tornar um dançarino profissional. (ALMEIDA, 2012).

A linha filosófica da fenomenologia¹ pode contribuir como forma de olhar a vivência e experiência do mundo dos deficientes visuais na prática da dança, e como essa experiência pode trazer benefícios aos mesmos. Segundo Moreira (1997) a fenomenologia tem o intuito de descrever a experiência vivida, tudo o que é experiência gera conhecimento, busca interligar ciência e filosofia por meio do mundo experimental do indivíduo. “Todo o saber científico deriva do mundo-vivido, ou seja, dos pensamentos, percepções e vivências que eu tenho no meio natural.” (MOREIRA, 1997, p. 402). O autor Merleau-Ponty em sua discussão específica sobre a fenomenologia da percepção afirma:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Até mesmo para absorver e apreciar o que a ciência nos oferece, é preciso vivenciar o mundo em que a própria ciência se acerca, a experiência de sentir e perceber o mundo vivido. Uma

¹ “Fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

situação é você ler e acreditar na situação explicada com palavras, e outra situação que se torna bem diferente, é você sentir e vivenciar essa situação. (MERLEAU-PONTY, 1999).

E qual a forma do deficiente visual de habituar em um mundo sem poder ver? O deficiente visual vive aquilo que a fenomenologia da percepção em Merleau-Ponty vem abordar, esse primeiro contato com o mundo, á volta para a essência original como se nunca tivesse visto, a experiência de corporeidade como um fator de existência, o uso prevalente das sensações que são as principais vias para compreender e utilizar a percepção.

Segundo Nóbrega (2008, p. 142) “a percepção esta relacionada á atitude corpórea” toda atitude do corpo é ocasionada por alguma reação sentida em uma situação presenciada. As respostas acontecem após as sensações vivenciadas em uma experiência, logo entendemos que sensação é a resposta do corpo pelos movimentos, atitudes, ações, reações. Porem tudo tem um sentido, ou deveria ter, tudo necessita ser sentido para que as experiências com o mundo e as pessoas aconteçam.

Mas como a dança pode ajudar neste contexto? A dança possibilita e trabalha constantemente a expressão do corpo por meio dos movimentos. Pela dança o indivíduo é capaz de explorar não somente o mundo, mas as percepções que estão disponíveis para sua aprendizagem. Sendo assim, uma exploração completa e afunda das sensações é estabelecida e solicitada a cada elaboração do movimento. Sem poder ver, o deficiente visual cria suas possibilidades de “olhar” para o mundo e a dança é um caminho em que pode principalmente manifestar sensações que fundamentam nas percepções obtendo conhecimento próprio. Segundo Zotovici (2004 p. 1) a dança é: “aquela que possibilita vivenciar, explorar, conhecer, expandir, representar e expressar a subjetividade do sujeito, isto é, manifestar seu eu, sua corporeidade.”.

Esse processo de perceber o mundo para realização de uma nova movimentação envolve o poder da dança na vida do deficiente visual e a ocorrência da fenomenologia, que acontece pela experiência primordial em cada movimento realizado, o que ajuda também na compreensão e conhecimento corporal. A necessidade do contato sensitivo dos deficientes visuais gera a utilização plena dos sentidos em qualquer situação de aprendizagem, porem a dança é capaz de melhorar esses sentidos, por estimular a movimentação e a expressão do corpo em todos os seus aspectos.

Marques et al. (2008) refletem sobre as múltiplas possibilidades que a dança trás para a criação de movimentos à luz da fenomenologia, os autores argumentam que a dança e a expressividade faz o ser humano renascer em suas sensações e abre portas para novas experiências e interpretações tanto para quem dança como para quem assiste.

Com buscas teóricas os autores tiveram como foco ler a dança a partir de um olhar fenomenológico, entender como ela sendo cultura, arte, criação e expressão se aproxima dessa filosofia. Nas palavras dos autores:

Na dança, pode-se considerar que a expressão se constrói, reconstrói, inventa e se reinventa ocorrendo no próprio sujeito, de acordo com sua percepção, incluindo seu sentido humano que é único e também múltiplo. As artes, de forma geral, nos levam a uma maior aproximação com os pressupostos fenomenológicos, pelo fato de possuírem um mesmo ponto central, existem nelas tentativas de voltar à experiência humana, ao vivido, pois as artes partem dessa experiência humana, e acontecem a partir do próprio sujeito (MAQUES et al., 2008, p. 252).

Figueiredo, Tavares e Venâncio (1999) tiveram como sujeitos de sua pesquisa deficientes visuais que vivenciam a prática de dança em diferentes estilos, e desenvolveram um estudo para relatar o sentido que a dança proporciona na vida da pessoa com deficiência visual à luz da fenomenologia a partir de uma pergunta: “O que é isto, vivenciar dança para você?” (FIGUEIREDO; TAVARES; VENÂNCIO, 1999, p. 87).

Diante dos registros e particularidades de cada depoimento feito pelos integrantes, os autores estipularam três grupos de análise: “Então, por que dançamos? E no meio do caminho, pensamos... como dançar? O que dançar?” (FIGUEIREDO; TAVARES; VENÂNCIO, 1999, p. 70-71). Obtiveram como resultado que a dança é um caminho para melhorar a experiência do sujeito com o mundo, dando a oportunidade de simples movimentações que o capacita a viver a essência primordial, ser próprio, descobrir seu corpo e capacidades específicas, e não se tornar aquilo que a sociedade oferece ou impõe. É preciso diferença e não igualdade. A dança modela distintos caminhos e a melhor ajuda que ela oferece a essas pessoas é o poder de idealizar o seu corpo conforme desejam, se descobrir, vivenciar, experimentar e ter de volta o respeito, fatores que compõem sentido a todos os sentidos. (FIGUEIREDO; TAVARES; VENÂNCIO, 1999). Segundo os autores:

Abrimos, então, as cortinas para o último ato de uma peça onde o processo foi fundamental no decorrer de nossa criação. A Dança é uma arte e, como tal, nos permite transformar cada momento em um ato criativo. Por meio dela, podemos entender o instante e, daí, perceber a transformação da vida. Na Dança, a essência é sempre original, pois somos um corpo em presença no mundo. Somos todos dançarinos, pois expressamos pelo corpo aquilo que somos. A Dança não distingue nem oprime ninguém — nós é que o fazemos. Busquemos, então, uma reflexão que resgate, principalmente, um sentido mais humano e mais próprio do ser (FIGUEIREDO; TAVARES; VENÂNCIO, 1999, p. 72).

Relatos que comprovam como a dança para deficientes visuais permitem descobertas, trabalha com a essência e faz proximidade com a fenomenologia, que resulta na existência. A dança

é para todos os corpos, todos os tipos de pessoas, para todas as idades, para deficientes ou não. O importante é ela realizar o seu papel de gerar novas sensações, vivência, experiências e descobertas do mundo e próprio. Um dia tudo serão lembranças, mas o corpo jamais deixará de sentir para se reinventar e viver cada instante como único, a dança revigora.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir que a dança pode contribuir em muitos aspectos na vida de uma pessoa com deficiência visual, pois proporciona maior autonomia, aumento da autoestima, descoberta de valores, facilita o contato com o mundo e com as pessoas, possibilita o uso da imaginação e da liberdade de expressão, permite a percepção corporal e o desenvolvimento da noção espaço-temporal.

A abordagem da fenomenologia da percepção com base em Merleau-Ponty consiste em todo processo de valor de existência para os deficientes visuais. A partir dessa perspectiva, também podemos inferir que a dança permite as pessoas com deficiência visual sentir sensações através do movimento, proporcionando que o indivíduo se reconheça, se identifique no mundo, se sinta importante e único.

Neste trabalho constataram-se, por meio da revisão de literatura, as múltiplas experiências distintas, corporais e sensitivas que a dança pode proporcionar a pessoa cega, trazendo ao deficiente visual a realização de poder viver e existir mesmo sem poder ver, usando suas ferramentas de propriocepção no mundo vivenciado.

4 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. M. F. **Não ver e ser visto em dança: análise comparativa entre o Potlach Grupo de Dança e a Associação / Cia. de Ballet de Cegos**. 2012. 104 f. Dissertação (Mestrado em Artes), Escola Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSS-8ZZNLD/disserta__o_renata_mara_2012.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 jan. 2016.

CARVALHO, J. G.; FERNANDES, J. M. G. A. **Um olhar sobre o corpo (do) cego**. 2007. 9 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/107.pdf>>. Acesso: 20 jun. 2016.

CAZÉ, C. M. J. O.; OLIVEIRA, A. S. Dança além da visão: possibilidades do corpo cego. **Revista Pensar á pratica**. p. 293-302, set/dez. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/3592/4975>> Acesso em: 05 fev. 2016.

FREIRE, I. M. Na dança contemporânea, cegueira não é escuridão. **Revista Ponto de Vista**.

Florianópolis, n. 6/7 p. 57-58, 2004/2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1152/14677>>. Acesso: 23 fev. 2016.

FIGUEIREDO, V. M. C.; TAVARES, M. C. G. C. F.; VENÂNCIO, S. Olhar para o corpo que dança um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual. **Revista Movimento**. Rio Grande do Sul, v. 5, n. 11, 1999. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2487/1136>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

GIL, M. **Cadernos da Tv Escola: Deficiência Visual**. Brasília: MEC/SEED, 2000, 79p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/deficienciavisual.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2016.

MACHADO, B. F. G. Corporeidade e existência em Merleau-Ponty. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**. Curitiba, v.2, p. 47-58, 2011. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/Arquivos2011/NEPIM/NEPIM_Volume_02/Art03_NEPIM_Vol02_CorporeidadeExistencia.pdf> Acesso em: 20 fev. 2016.

MARQUES, D. A. P. et al. Dança e Expressividade: Uma aproximação com a fenomenologia. **Revista Movimento**. Rio Grande do Sul, v.19, n.1, jan./mar., 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/26494/24405>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

MOREIRA, A. R. L. Algumas considerações sobre a consciência na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p.399-405, jul./dez., 1997. Disponível em: <<http://www.redalyc.org:9081/articulo.oa?id=26120212>> Acesso em: 10 set. 2017.

MUNSTER, M. A. V.; ALMEIDA, J. J. G. Atividade Física e Deficiência Visual. In: GREGUOL, Marcia; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri: Manole, 2013. cap. 2, p. 30-77.

NEVES, N. **Klauss Vianna: estudos para uma dramaturgia corporal**. São Paulo: Cortez, 2008.

NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**. v. 2, n. 13, p.141-148, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

PONTY, M. M. **Maurice Merleau-Ponty: Fenomenologia da percepção**. Traduzido por Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de: Phénoménologie de la perception. Disponível em: <https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o_1999.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2016.

SÁ, E. D.; CAMPOS, I. M.; SILVA, M. B. C. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual**. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007, 57p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dv.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2016.

SOUZA, J. C. L.; METZER, A. C. Benefícios da dança no aspecto social e físico dos idosos.

Revista Fafibe On-line. Bebedouro, v.6, n.6, p. 8-13, maio, 2013. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/28/11122013185614.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

ZOTOVICI, S. A. Pés no chão e dança no coração: um olhar fenomenológico na linguagem do movimento por meio da dança. **Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas.** Ourinhos, n. 02, 2008. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/3708863/artigo-sandra.pdf>>. Acesso: 05 fev. 2016.

Title

Body perception for visually impaired through dance.

Abstract

For the visually impaired, dance facilitates the world interaction. That way, phenomenology study in Merleau-Ponty allows us to make a connection with the dance and deficiency when portraying the human being uses the sensations to interact and experience the world. The study aimed to understand how the visually impaired notice the senses (hearing and touch) during the practice of dance being based on Merleau-Ponty's phenomenology, through a literature review. Dance is one of the oldest arts used as a form of body expression. For the visually impaired, it provides a path that enables the connection with the world and people through offered sensations when moving. Visual deficiency is characterized by the absence of vision, which may be congenital or acquired, but regardless of the type, the fact of not being able to see is not an obstacle to the learning, personal experiences, experiences and discoveries of the being and world. For Merleau-Ponty (1999) everything is solved when the essences are defined, in the dance the essence is always present because is allowed to express what we really are through non-verbal expression. Thereby, Merleau-Ponty's phenomenology has interfaced with visual impairment and dance by portraying that the human being needs and uses the sensations to interact, try and discover himself in the world. Dance can be inserted into the life of the visually impaired as a way to improve his autonomy, self-esteem and quality of life.

Keywords

Dance; Visual impairment; Phenomenology; Merleau-Ponty.

Recebido em: 13/09/2018.

Aceito em: 05/11/2018.